

Alberto Lima de Moraes

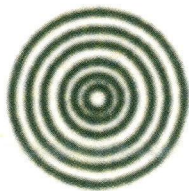
Coutinho

1
a

MOTEC



Uniti Verbum Vincimus



**Sociedade Brasileira
de Mastologia**



Agradecemos a estas empresas pelo apoio na edição deste livro.



Vitrô

Comunicação



920.7
A168
F
MEN

Alberto Lima de Moraes Coutinho



“Ao galgar o cume da montanha descortina-se o despenhadeiro. A vitória, divisando novos horizontes, traz em si o perigo dos abismos e nos obriga a constante vigilância, e redobrado esforço para conservar o posto conquistado. Tal como o alpinista procura se firmar no topo da penedia, cercado de penhascos e solapado pelos ventos, hoje sentimos na consciência a responsabilidade...”

Alberto Lima de Moraes Coutinho, trecho de seu discurso de posse como membro titular da Academia Nacional de Medicina, em 17 de outubro de 1957.

920,71
A 168a
F
MEMOTEC

Vitrô Comunicação e Editora

Av. Rio Branco, 45/1310 — Centro — 20090-003 - Rio de Janeiro — RJ

Telefax: (21) 2233-2200 — Email: vitro@vitro.com.br

Conheça **www.vitro.com.br**.

Diretora: Rijarda Aristóteles

Editora: Fernanda Cubiaco

Capa e diagramação: Marcos Abreu

Estagiário: Mauro Paladino

Revisora: Áurea Machado Silva

Fonte de dados e pesquisa: Academia Brasileira de Medicina

Vitrô Comunicação & Editora é uma empresa filiada ao Instituto ETHOS de responsabilidade Social.

2002

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

Catálogo na fonte

Lima de Moraes Coutinho, Alberto. Rio de Janeiro. Vitrô Comunicação & Editora, 2002

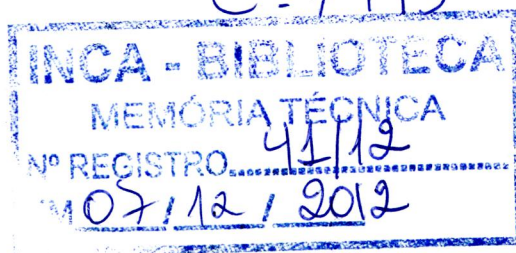
40p.

Formato: 20 x 20cm

Biografia

ISBN 858807305-6

O conteúdo desta obra pode ser reproduzido desde que mencionado a fonte.



Sociedade Brasileira de Cancerologia

Diretoria — 2000-2003

Presidente

Dr^a Lair Barbosa Ribeiro

Vice-Presidentes

Dr. Antonio André Perdicaris (SP)
Dr. José Luiz Amorim de Carvalho (PA)
Dr. Neiro Waechter da Motta (RS)
Dr. Pedro Wilson Leitão Lima (CE)
Dr. Roberto Porto Fonseca (MG)

Secretária Geral

Dra Gildete Sales Lessa (BA)

Secretárias Adjuntas

Dra. Nise Hitomi Yamaguchi (SP)
Dra. Maria Lúcia Martins Bastista (BA)

Tesoureiro Geral

Dr. Luiz José Sampaio de Araújo

Tesoureira Adjunta

Dra. Virgilina Guimarães Fabel (Ba)

Conselho Superior

Dr. Roberto Gomes - Presidente (ES)
Dr. Adonis R. L. de Carvalho (PE)
Dr. Hiram Silveira Lucas (RJ)
Dr. Luiz Carlos Calmon Teixeira (BA)
Dr. Jaime de Queiroz Lima (PE)

Dr. Ricardo César Pinto Antunes
(Coordenador Nacional de Prevenção - Portaria nº 001/2002)



Índice

Apresentação	VII
Introdução	IX
A origem	XIII
Um jovem médico e suas promessas de realização	XIV
A arte da meditação	XV
O pioneiro no ensino	XVI
INCa	XVII
Meu pai.....	XX
ABAC, Associação Brasileira de Assistência aos Cancerosos.....	XXIII
A Mastologia sua maior escola	XXIV
O médico	XXVI
A Academia Nacional de Medicina	XXX
O amigo Coutinho	XXXIII
O Segredo Não Revelado	XXXVI
Conclusão	XXXVII

Apresentação



Hesitei bastante antes de me decidir a reunir discursos, mensagens, depoimentos, artigos e outros documentos que compõem este livro.

Não resisti todavia à tentação de fazê-lo, pois o motivo é muito justo e glorioso qual seja: contar a vida do professor Alberto Lima de Moraes Coutinho, fundador do Serviço Nacional de Câncer (hoje INCa), do Hospital Mário Kroeff, das Sociedades Brasileira de Cancerologia e Patologia Mamária (hoje Brasileira de Mastologia) e, sobretudo, verdadeiro pioneiro do Ensino da Cancerologia no Brasil.

É de se entender que as atividades de um profissional são, resultado de momentos, “estado d’alma” e exprimem, de modo geral, circunstâncias da época. A exemplo de certos perfumes, tendem a se evaporar, à medida que transpõem o ciclo vital a que estava destinado.

Esta publicação, no ano de seu centenário (30/08/1902), constitui uma forma de homenagear o homem, cuja existência foi devotada única e exclusivamente à luta contra o câncer no Brasil. Principalmente, é o restabelecimento da justiça.

Ler e reler esta narrativa, intercalada de depoimentos sobre a gloriosa vida de Alberto Coutinho é renovar emoções. É reconhecer e perpetuar, no “além tempo”, a força de um homem que viveu com intensidade. Servindo, para os mais novos, quem sabe, de pura inspiração.

Nos testemunhos autênticos, está registrada a essência da vida do Mestre, para os que com ele conviveram, sentirem com vivacidade a pre-

sença de homem tão contemporâneo de idéias.

Neste livro, a SBC tem a oportunidade de homenagear este homem de tão boa vontade, acima de tudo virtuoso que, sem hesitar, dedicou a vida em benefício da humanidade. Foi de uma classe de talentos que não souberam estabelecer fronteiras à pesquisa no século que agora se festeja. Pode-se dizer que, nestas breves páginas, está a história do homem que constitui o embrião dos estudos da Cancerologia.

Não findaríamos nossa missão se fôssemos examinar, ainda que superficialmente, a extensão de suas obras. Razoável, portanto, o culto, mais que justo, que em público lhe tributamos.

Lair Barbosa Ribeiro

Introdução

...OU UM CONVITE A FAZER JUSTIÇA.

Num admirável ato, a Presidenta da Sociedade Brasileira de Cancerologia, Doutora Lair Ribeiro, determinou que se comemorasse dignamente 2002 como o Ano do Centenário de Alberto Lima de Moraes Coutinho.

Este brilhante lampejo permite-nos a possibilidade de rever o passado, analisar os primeiros passos do estudo, dos meios diagnósticos e do tratamento do Câncer em nosso País.

Imaginem que se tratava de uma doença que a própria imprensa rejeitava transcrever sequer seu nome. Sim, somente nos anos 60, em pleno ar pesado do regime militar então vigente, a mídia se encorajou passando a afirmar que as pessoas não morriam “daquele mal incurável” ou “daquela moléstia longa e insidiosa”, mas que tinham efetivamente morrido pelo Câncer.

Vários decênios antes, um grupo de Médicos se reuniu para fundar, de início, o Centro de Cancerologia, semente do Serviço Nacional de Câncer e “avô” do resplandecente Instituto Nacional de Câncer.

No engatinhar das várias subespecialidades que combatem o Câncer no Brasil, sempre se encontrarão as mãos firmes, os gestos elegantes, o senso criador ímpar, a vontade férrea, o espírito combatente (e algumas vezes combatido) de Alberto Coutinho

Com esta publicação se restabelece a História, num pobre País que a esquece rapidamente... e, certamente, por isto é tão sofrido, embora privilegiado por Deus com as infindáveis e múltiplas riquezas naturais que

dispõe. A intranqüilidade intrínseca de Coutinho (tão necessária nos pioneiros) fizeram dele uma figura de difícil descrição. Observador profundo, quase monossilábico, era um orador seguro. Cirurgião perfeito, rápido no manuseio do bisturi - como exigia aquele tempo onde a Anestesia ainda era incipiente - era um verdadeiro cavalheiro pela elegância de seus atos. Uns o achavam extremamente sisudo. Curiosamente, eram os mesmos que riam das piadas com as quais ele ilustrava os jantares (até mesmo solenes) dos inúmeros Congressos de que participou. Como poderia ser seco, frio, distante, se vibrava com as vitórias dos amigos e repartia o sofrimento dos que o cercavam.

Foi feliz?... Não sei responder. Se, como disse Érico Veríssimo: "felicidade é saber que nossa vida não passou inutilmente", respondo que foi e muito. Curou, criou Instituições, formou incontável batalhão de profissionais e viveu para ver seus frutos crescerem. Plantou árvores (em seu belo sítio no Vale da Boa Esperança), escreveu livros e teve filhos.

Mas como julgar a felicidade dos outros se a nossa questionamos a todo instante? Convido-os a entrar no mundo maravilhoso, rico no que pode nos ensinar, mas de alguma forma misterioso, algo enigmático, que foi a vida deste fabuloso Alberto Lima de Moraes Coutinho.

Dele fui aluno, assistente, amigo, confidente mas ,sobretudo, profundo admirador.

Saúdo os arrecifes de Pernambuco, onde ele nasceu; a emotiva vibração dos cariocas, que ele tanto amava; e Todos os Santos da Bahia que inspiraram Lair a fazer justiça, resgatando a vida deste homem admirável.

Hiram Silveira Lucas



Foto: Arquivo

Alberto Lima de Moraes Coutinho



Foto: Arquivo

Nelson Augusto, Clóvis Andrade, Alberto Coutinho, João Luís Campos Soares e Agostinho Passos



Foto: Arquivo

Mário Kroeff, Adayr Eiras de Araújo, Alberto Coutinho Filho e Alberto Coutinho.



Foto: Arquivo

Mário Kroeff e Alberto Coutinho, entre outros, em visita ao INCa.

A origem

Em Recife, em 30 de agosto de 1902, nasceu o filho caçula de Rodolpho e Benedita Moraes Coutinho. De Alberto, o chamaram. Alberto Lima de Moraes Coutinho. Caçula dentre oito irmãos, aprendeu, em família, a arte da convivência e da boa disciplina. A mãe, como as mulheres da época, era dedicada à casa e à família. O pai era general de patente. No exército, trabalhava como diretor de arquivos.

Aos 9 anos, com a família, mudou-se para o Rio de Janeiro. Até esta época, a diversão, em companhia dos pais, era viajar para Vichy, na França, tradicional estação de águas. A sós, como outras crianças, a brincadeira favorita era empinar papagaio. Dos muitos que confeccionou, uma particularidade foi notada. Todas as pipas eram brancas, com uma bola vermelha no meio. O porquê não se sabe, talvez aí possam estar alguns dos mistérios que permearão a vida adulta de Coutinho.

Mas esta fase dos 9 anos seria marcada. Voltando de Recife, subitamente, faleceu o General Coutinho. Órfão de pai, a vida continuava, norteadada pela herança enérgica da educação militar que havia recebido.

Algumas características se faziam notar no rapaz, além do determinismo em transpor obstáculos. Diferente dos irmãos que, como costume da época, seguiam a carreira do pai, ele escolheu a Medicina. Mas por que a medicina? Na infância, por resultado de uma doença, acabou tendo a audição prejudicada. Problema este que, talvez, o tenha empertigado e impulsionado a estudar as ciências humanas. Mas as escolhas nem sempre são feitas pela razão. Na Medicina, a compaixão ao próximo pode ser o principal motivo.

Dos irmãos, quatro seguiram como o pai. Mário, Aureliano e Aquiles se tornaram militares e Alfredo, delegado. Alberto, interligando forças - também armadas -, se dedicou, pelo resto da vida, a batalhar de modo diferente, pela recuperação de vidas humanas.



Um jovem médico e a promessa da realização

No Brasil, nos idos da década de 20, poucas universidades existiam e foi no Rio de Janeiro, na Universidade do Brasil, em 1923, que o jovem Coutinho, diplomado em Medicina.

Muitos sonhos, muitos planos. De corpo e alma, pouco a pouco, este jovem percebia sua disposição para realizá-los. Determinado, transpôs não só as barreiras da profissão, mas as pessoais. Receios inerentes ao ser humano, como medo, dúvidas e defeitos, iam ficando para trás. No lugar, novas alternativas, com ambição, não de ser o melhor, mas no sentido de melhor fazer em benefício ao próximo.

Com um ano de exercício de prática cirúrgica, uma das características que mais despertavam a atenção dos demais era a firmeza com que o jovem aprendiz administrava as situações. Tal conduta abria lhe as portas. Certa vez, lá estava ele, no Centro Cirúrgico da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, para assistir a mais uma aula prática, ministrada pelo Professor Brandão Filho, considerado na época, “O Príncipe da Cirurgia Brasileira”. O programado era uma mastectomia. A cirurgia teve início e, com muito atenção, foi assistida por aquele estudante. Terminada a intervenção, o jovem, impressionado com o que acabava de presenciar, parecia tomado de muitos pensamentos. Questionou-se...

Tal postura, com invulgar predestinação e, naturalmente, o bom desempenho e habilidade o fizeram chegar a 1ª Cadeira de Clínica Cirúrgica da Universidade do Brasil, a serviço do tão admirado por ele, Professor Brandão Filho.

Pareceria, para muitos, um belo início. Para este jovem pernambucano, muito mais aconteceu. Aos 25 anos, se doutorou defendendo a tese sobre “ Tratamento Cirúrgico da Tuberculose Renal”, muito louvada pela comissão examinadora. Louvor este que marcava o princípio de grandes realizações profissionais e pessoais. Mas um homem que realiza, jamais está satisfeito.

A arte da meditação



Coutinho era praticante desta arte milenar, mas não se sabe ao certo quando começou. Devido a algumas circunstâncias de vida, este processo, nele, foi se dando naturalmente. O defeito de audição que tinha, certamente, lhe proporcionava um profundo isolamento, o fazendo imergir no silêncio e pensar. Para os que sabem deste exercício, é neste vácuo, quando o contato com o mundo exterior é interrompido, o mergulho interior acontece, abrindo caminhos para as reflexões.

Segundo Dr. Gonzales, personagem do romance “Segredo Não Revelado”, de sua autoria, dissertou:

“Como os profetas, foi através da meditação que nos legaram grandes pensamentos filosóficos, que chegaram até nós e irão ultrapassar as fronteiras dos tempos. Meditar, meditar sempre, pois a paz e a tranqüilidade são o resultado do equilíbrio de forças espirituais que se achavam em choque. Encontraram a solução para seus atritos. A meditação é uma espécie de retiro religioso que expurga as almas, purifica-as nas lutas íntimas, e lhes dá o sentido de conciliação e engrandecimento.....Os que não meditam porque não querem ou não sabem meditar, são justamente aqueles que comumente incorrem em erros banais, que não tiram proveito das experiências e dos fatos da vida para modelar a existência melhor.” “..Os nossos sucessos, por tantos aclamados, decorrem das horas sem fim que temos passado meditando e tentando melhorar e ampliar os nossos métodos de cura.”



O pioneiro no ensino

“A motivação para ensinar deve ser pura, nunca roveniente de um desejo de fama ou ganho material”

Na Faculdade, lia muito e de tudo, aprofundando-se na Literatura. Com o tempo, esta aplicação lhe proporcionaria uma bagagem cultural admirável. Maduro nesta época, já se sentia preparado para o magistrado.

No exercício da cirurgia, como assistente do Professor Brandão Filho, era um dos mais destacados. Seu espírito investigador e entusiasta já se evidenciava, desde então, e podia facilmente ser percebido nos trabalhos de divulgação e de pesquisa que levou a público, em várias revistas médicas.

Com a docência conquistada em 1933, o já ativo mestre promoveu o ensino metódico da cancerologia para médicos, dentistas e alunos. Em 1939, inaugurou o primeiro dos cursos sobre especialidades. Em 1947, apresentou ao Congresso Nacional, um memorial visando o ensino regular da especialidade nas Faculdades Federais de Medicina. Na Nacional de Medicina, instituiu cursos anuais sobre o câncer e doenças correlatas.

Mas, dentro de si, uma energia o impulsionava a avançar, excedendo os limites das salas de aula. Refletindo sobre a questão, concluiu que, através da fundação de sociedades, reuniria maiores esforços e recursos para a consecução do fim comum: O combate ao câncer. Fundou a Sociedade Brasileira de Cancerologia, Sociedade Brasileira de Patologia Mamária, hoje, Brasileira de Mastologia e a Legião Feminina de Educação e Combate ao Câncer.

O INCa

Na década de 30, o País sofria com o aumento da mortalidade causada por doenças crônico—degenerativas. Coutinho e o amigo Mário Kroeff, entre outros, vislumbravam que, se uma medida enérgica em relação à doença câncer não fosse tomada, dali a alguns anos, uma nova endemia poderia surgir.

Então, em 13 de janeiro de 1937, o presidente Getúlio Vargas, a pedido de Mário Kroeff, amigo antigo, assinou o Decreto Lei 378, que criou o Centro de Cancerologia do Rio de Janeiro. Esta lei surgia em uma hora importante, pois se fazia necessário desenvolver uma política nacional de controle do câncer. Coutinho, a convite do dileto amigo Mário Koeff, do qual já havia sido, também, assistente de clínica na Universidade do Brasil, recebeu o desafio e passou a integrar o recém inaugurado Centro de Cancerologia do Ministério da Educação e Saúde, em um velho casarão no bairro da Lapa. A região, na época era muito peculiar. Na vizinhança, em sua maioria, habitavam as famosas “polacas”, mulheres bonitas, originárias da Europa, que se dedicavam à “mais antiga profissão”, qual o amor profissional. Mas o momento era de congregar energias para alcançar o tão almejado objetivo. Contornar a crescente incidência do câncer, ainda pouco conhecido entre nós.

O Centro que, em 41, tornou-se Serviço Nacional de Câncer e três anos depois, em Instituto de Câncer. Após muita dificuldade para se basear, através da intervenção de Sérgio de Azevedo, irmão do então prefeito do Distrito de Brasília, o Ministro Philadelpho de Azevedo, recebeu, por doação da prefeitura, uma sede própria e definitiva. Na Praça da Cruz Vermelha, nº23, subiu o prédio que, só em 1957, foi inaugurado com a presença de Juscelino Kubitschek.

Foto: Arquivo



No II Congresso Brasileiro de Mastologia, em Salvador, compondo a mesa, entre outros Lair Ribeiro e Alberto Coutinho

Foto: Arquivo



Phebo Souza, Gilberto Salgado, Rubem Murilo, Lourival Chefaly, Luíz Antônio Silveira, Alberto Coutinho, Coutinho filho, Hiram Lucas, João Luís Campos Soares, Álvaro Fialho e Onofre Castro

Foto: Arquivo



Hiram Lucas, Jorge Marsillac, Adayr Eiras de Araújo, Mário Kroeff, Alberto Coutinho e João Vianna



Foto: Arquivo

Alberto Lima de Moraes Coutinho



Meu pai

Papai, pernambucano do Recife, de ascendência portuguesa e holandesa, caçula de sete irmãos. Casou-se aos 35 anos, e Mamãe, com 20 anos. Dessa união, nasceram Alberto, Sérgio (falecido), eu e Rodolfo.

Conheci meu pai já grisalho, aliás, com um cabelo bem branco e cheio. Lindo. Não só o cabelo, como também a pele. Era extremamente zeloso com sua aparência. Nunca o vi com barba por fazer. Sempre de terno e gravata. Impecável. Só no fim da vida, conseguimos que usasse mocassim e camisa esporte. Quando faleceu, aos 82 anos, poucas rugas marcavam seu rosto.

Era um estudioso. Respirava e vivia para a Medicina. Seu lema, fazer o bem sem esperar recompensas. Era um obstinado pelo que fazia e pensava. Aos domingos, nós dois sentávamos na varanda. Papai lia e mostrava-me os livros de Medicina explicando-me a formação das células, a evolução de um tumor, fotografias de mamas operadas. Eu ficava maravilhada. Foi um batalhador na luta do câncer, e essa bandeira compartilhada com Mamãe, sua grande companheira nessa caminhada.

Não me esqueço das inúmeras vezes em que íamos para a porta do Maracanã, munidos de faixas - papai, mamãe, tio Jorge e tia Heloísa Marsillac, tio Mário e tia Jessy Kroeff e outros adeptos — com o objetivo de angariarem fundos para as campanhas contra o câncer e a construção do Hospital Mário Kroeff.

Meus irmãos e eu participamos de todas as festas de Natal e

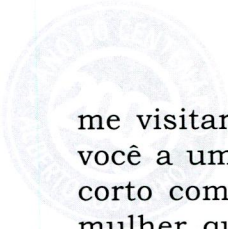
Páscoa, do Hospital do Câncer (INCa) e do Hospital Mário Kroeff. Na época, ficava muito impressionada com o quadro desesperador. Hoje, vejo o que foi feito- penso eu - de forma inconsciente e fez nascer, em mim, um grande amor pelo semelhante. Como já disse, o objetivo maior de papai era fazer o bem, aliviar a dor, dar conforto e afeto. Seu consultório estava sempre repleto de pacientes que, em agradecimento, por vezes, enviavam presentes exóticos — tucanos, caixas de manga-rosa vindas do Recife e, o mais interessante, os perus, por ocasião do Natal. Chegamos a ter três no jardim.

Ser médico era uma missão para meu pai, um profissional extremamente cuidadoso e perfeccionista. Sua sutura era perfeita. Na sua opinião, a mulher não poderia ser mutilada.

O seu conceito de pai era aquele da sua geração - se a família tinha tudo, o papel estava cumprido. Uma pessoa difícil de conviver, tinha idéias prontas, não permitia questionamentos. Quando discordava ou perguntava o porquê, imediatamente, mandava que eu me calasse e dizia: “Respeite seu pai”. Aos 15 anos, como era natural da idade, aos sábados, recebia convite para as festas e, quase sempre, era um problema.

Cultivo até hoje o apelido que meu pai me deu e acabou tornando-se mais usual que meu verdadeiro nome — Chandy. A origem estava em uma lenda da Índia. Narra a história de um rei, cuja filha — Chandy — tinha, como principal incumbência, achar para o pai o pássaro da felicidade. Meu pai não escondia o carinho que sentia por mim. Dizia: “o dia começa a partir do momento em que te vejo”. Isso não significava não ter carinho pelos meus irmãos, mas, comigo, expressava-se de forma diferente. Quando um deles queria algo diferente diziam: “Chandy, vai você pedir ao Papai”. Foi mal compreendido. Era um ônus que carregava frente à minha mãe e irmãos.

Kika - apelido de meu irmão Alberto, sete anos e meio mais velho do que eu - pouco nos acompanhava nos passeios dominicais. No Chevrolet preto, uma de suas paixões, íamos do Leblon ao Arpoador e, na volta, parávamos para comer pipocas e comprar balões. Havia as férias em Caxambú... Em Petrópolis, o pitoresco passeio de charrete. Papai adorava, também, nos levar ao circo aos domingos. Era uma alegria para ele e, com ele, tudo era uma maravilha!



Ao regressar de Portugal, onde morei por dois anos, papai veio me visitar e disse: “Neném — como também era chamada - quero apresentar você a uma senhora e então me dirá se gosta dela, pois se você não gostar, eu corto com ela”. Para encurtar a história, me apresentou, então, à Dona Olga, mulher que escolheu como segunda esposa e da qual fui madrinha de casamento.

Acredito que ele cumprira o trinômio sobre a terra. Teve filhos, plantou árvore e escreveu um livro — Segredo Não Revelado. Meu pai era sábio e esta sabedoria marcou a sua trajetória de vida até mesmo na hora de partir.

Hoje, estou convencida de que ele sabia que sua hora havia chegado. Antes de ir para o hospital disse à Bárbara, minha empregada de mais de 25 anos, que sabia que não voltaria, para ela tomar conta de mim.

No hospital, dentro de um livro que levou, uma carta endereçada a mim foi encontrada. Ali, ele determinava seus últimos desejos.

Meu Pai, orgulho-me de ser sua filha. Não é preciso dizer que desde o momento quando o Kika delegou-me este privilégio, a emoção tomou conta de mim. Só me resta dizer: Que saudades, Pai!

Elisabeth Pereira dos Reis

ABAC — Associação Brasileira de Assistência aos Cancerosos



No início das atividades do Serviço Nacional do Câncer, se impressionou com a multidão - já em estado de incurabilidade - que procurava recursos médicos. Estas pessoas já haviam peregrinado por clínicas, no interior do estado, que nem sequer um diagnóstico certo de doença, podiam prescrever.

Coutinho se esbarrava, aí, com um problema de ordem sentimental, ligado à sorte destes doentes. Foi então que com Mário Kroeff e Jorge de Marsillac, movidos por uma atitude extremamente humana, mobilizaram a sociedade civil, através de Darcy Vargas, a congregar influentes da sociedade carioca, para reverter este quadro.

Em 1938, conseguiram. Fundava-se o abrigo para doentes incuráveis de câncer, que deixavam o órgão central do governo para serem tratados. Para manutenção do lugar, a sociedade civil carioca, em forma de filantropia, contribuía, mensalmente, com a quantia particular mínima de cinco cruzeiros.

As instalações da Associação Brasileira de Assistência aos Cancerosos, tiveram como base um velho casarão no bairro da Penha, onde, através dos parques donativos recebidos, construiriam o prédio que viria a se tornar o Hospital Mário Kroeff.



A Mastologia, sua maior escola

Definitivamente, muitos não vieram a esta vida a passeio. Imprimiram a ela sentidos, percebidos através de experimentos, vivências e muita sensibilidade. Alberto Coutinho experimentou, vivenciou e se sensibilizou com as agruras da vida.

Certa vez, assistindo à primeira das mastectomias de que participaria na vida, se envolveu de tal forma que, talvez, neste momento, tenha refletido. Câncer de mama. A dedicação à área, nesta época de evidências de caráter tão controverso, valeria? Amante que era da beleza da vida, sobretudo da feminina, questionou-se: Como poderia influenciar para que tal cena, que o incomodava tanto, a agressão cometida ao símbolo máximo da feminilidade, fosse dirimida?

O tempo passava e a questão parecia ainda o empertigar. Ao findar a faculdade, em colaboração com o Dr. Burlamaqui Benchimol, publicou o primeiro trabalho sobre o assunto "Câncer Mamário Bilateral". Oportunamente, em 1951, fundou a Legião Feminina de Educação e Combate ao Câncer, após ter desempenhado, junto à Clínica de Mulheres, um serviço que lhe valeu o título de Médico Adjunto da Santa Casa da Misericórdia, do Rio de Janeiro.

Insatisfeito, ainda. Meditava. Buscava, com os colegas de profissão, diferentes formas para combater um mal, que acometia as mulheres de forma tão indiscriminada. Novamente, pesquisou. Mergulhou fundo. Iniciando na Santa Casa da Misericórdia, e depois prosseguindo, no já fundado

Instituto do Câncer, os estudos sobre a mama.

Concomitante, se preocupava com os demais tipos da doença que incorriam na população. Para melhor administrar tal situação, fez-se necessária a formação de grupos segmentados, que se dedicariam ao estudo de cada tipo.

Então, Coutinho, no próprio Instituto, pugnou pela individualização de uma seção especializada, que acabou sendo reconhecida, em 1º de abril de 1957, graças ao professor Ugo Pinheiro de Guimarães, diretor do Serviço Nacional de Câncer, como a Seção de Mastologia e da qual ele se tornou responsável. Mais ainda, mergulhava nos mistérios que envolviam as doenças da mama.

Em 1959, fundou a Sociedade Brasileira de Patologia Mamária, hoje, Sociedade Brasileira de Mastologia, da qual foi presidente por três vezes.



O médico

Tratava-se de um exemplo. Como cirurgião, como caráter, com uma vontade férrea de progredir no terreno árduo que escolhera. Sempre com idéias novas ou aperfeiçoamento de antigas. E, sobretudo, uma maneira especial de tratar os doentes, amparando-os com seus conhecimentos e o estudo profundo de sua personalidade, procedimento que usou e aperfeiçoou toda a sua vida. É ao que deve grande parte de seu sucesso.

*“Simples considerações levam-nos à convicção de que o estudo comparativo do exercício da medicina deva ser um caminho a trilhar porque patenteia o quanto são nocivas as práticas médicas que, realmente, não contenham um substrato essencial que nos conduzam à origem das enfermidades”.**

Com uma cultura médica vasta e experiência adquirida através de muito empenho, aprendeu. Do ser humano, não só as doenças do corpo se propunha a cuidar, mas também das doenças da alma, pois em seus tratamentos também constava a terapia. Comungava que, para total recuperação do doente, carinho e atenção também eram muito importantes.

Durante a vida, muitos exemplos desta teoria, foram por ele aplicados. Em certa data, pela Cruz Vermelha, foi condecorado com medalha de prata por serviços prestados à Comunidade. Do Ministério do Trabalho, pelos serviços prestados à Prevenção de Acidentes, também recebeu homenagem. Em 1949, pelo Presidente da República, recebeu a medalha de Mérito

Médico, pelo anteprojeto que apresentou para a criação da Cadeira de Cancerologia nas Universidades de Medicina do Brasil.



*“O sintonismo com o doente é que faz a grandeza moral de nossa profissão, colocando-a acima de qualquer outra. Sentir na própria carne as suas dores. Viver suas esperanças. Rir com suas alegrias. Chorar com suas tristezas. Eis a vida que tendes vivido nesses largos anos de apostolado, em que tudo destes para mitigar, para salvar, para curar os que vos procuraram. A nenhum decepcionastes, pois, quando não vos foi possível socorrê-los com o virtuosismo técnico de que sois “princeps”, o fizeste com aquela caridade cristã a que os Evangelhos se referem...” ***

*Trecho de seu discurso de posse como membro titular da Academia Nacional de Medicina, em 17 de outubro de 1957.

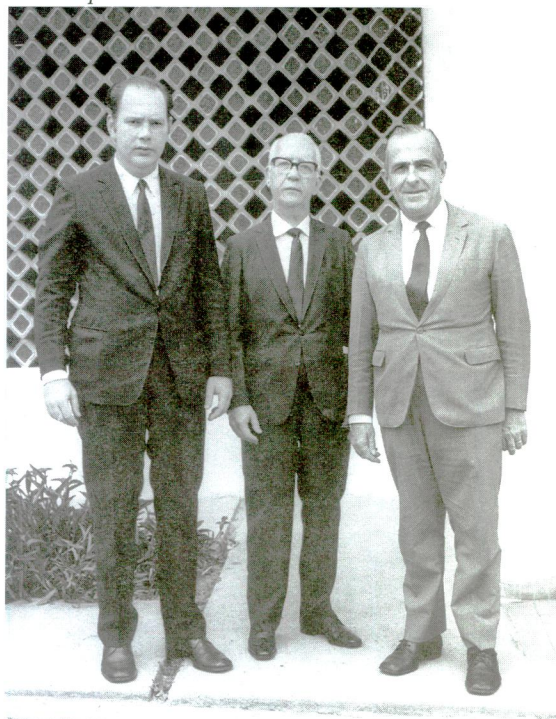
**Trecho do discurso de Rolando Monteiro, em homenagem a Alberto Coutinho, quando empossado como membro titular da Academia Nacional de Medicina., em 17 de outubro de 1957.

Foto: Arquivo



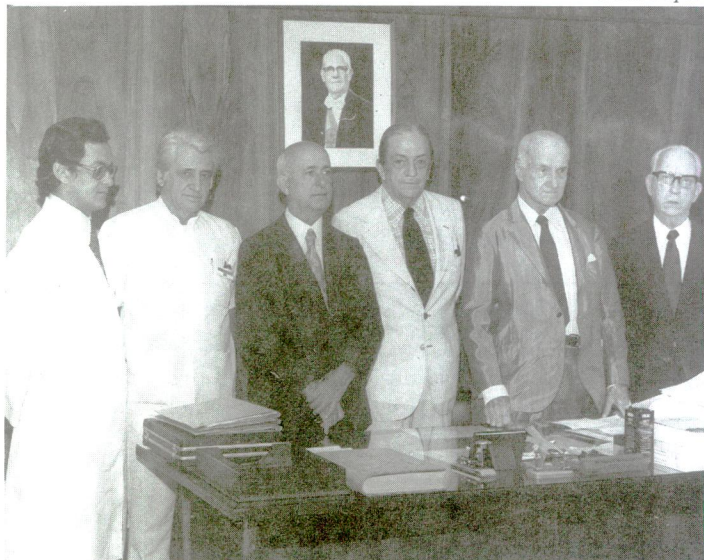
Hiram Lucas, João Vianna, Jorge Marsillac, Adair Eiras de Araújo, Mário Kroeff, Alberto Coutinho e Ary Frazuzino

Foto: Arquivo



Alberto Coutinho Filho e pai e Gil Moreira

Foto: Arquivo



Hiram Lucas, Ary Frazuzino, Jorge de Marsillac, Adair Eiras de Araújo, Mário Kroeff e Alberto Coutinho



Alberto Lima de Moraes Coutinho

Academia Nacional de Medicina

“O Templo da Ciência”

*“Fitávamos, naquela época, os práticos deste egrégio cenáculo. Nem sempre se pode traduzir para as realizações humanas o ríto que diz: Querer é poder. O poder não é uma mera questão de querer, mas de possuir credenciais sedimentadas pelo tempo, de gozar da estima dos seus concidadãos para que eles próprios conduzam aos lugares que fazemos jus aos nossos pares.”**

Este era, com certeza, outro dos sonhos de Coutinho. E aos 30 anos de vida acadêmica, conseguiu realizar.

Um acadêmico perfeito. Tudo na sua pessoa combinava com o ambiente acadêmico. Sua presença física, austera e elegantemente trajada, denotava o indiscutível cuidado com a aparência e o porte. Sem altura proeminente, seu corpo tinha a necessária proporção e o que escolhia para vestir, sempre com discrição, lhe conferia um ar elegante.

A cabeleira farta e precocemente grisalha, impecavelmente penteada, lhe atribuía o aspecto maduro, experiente e distinto, tão favorável à confiança de sua grande clientela.

A voz, um pouca rouca, era pausada e, acompanhada com gestos comedidos, transmitia excelente impressão. Falava baixo, provável decorência do também precoce problema auditivo.

Todo este conjunto se enquadrava perfeitamente com suas atuações de grande médico e grande professor, merecendo, com total justiça, o título de patrono do ensino da Cancerologia no país.

* Trecho de discurso de Alberto Coutinho quando empossado na Academia Nacional de Medicina

Fácil compreender que, com todas estas qualidades pessoais e profissionais, almejasse conquistar uma cadeira como membro titular da Academia Nacional de Medicina. Títulos não lhe faltavam, coroando uma perfeita carreira de cirurgião, cancerologista, professor, fundador de sociedades e administrador respeitável.

Na década de 1950, candidatou-se por duas vezes e não obteve vitória, apesar de ser reconhecido, ao lado de Mário Kroeff, como um dos líderes incontestes da cancerologia brasileira.

No ano de 1957, sucede, então, um fato marcante, de poucos conhecido e que vem demonstrar a grande amizade que unia Coutinho a meu pai, Jorge de Marsillac, e que me faz, hoje, revelar, estando ambos falecidos e glorificados por suas brilhantes carreiras.

O Dr. Firmino von Doellinger da Graça, radioterapeuta conceituado e ilustre acadêmico, era, na época, vítima de clamoroso processo judicial, motivado por seqüelas indesejáveis de irradiação, facilmente compreensíveis em tempos de aparelhagens rudimentares, e sem os recursos atuais de dosimetria e radioproteção.

Meu pai, apesar de bem mais moço, mas já conceituado na especialidade, acabou sendo convidado a atuar como perito neste caso e o processo terminou, com a justa absolvição do, então, acusado.

A família conheci. Doellinger e sua distinta esposa, Dona Mathilde. Estive muitas vezes, em seu apartamento em Copacabana.

Em muitas ocasiões, também visitei as obras de seu hospital—sonho, o então, Instituto Brasileiro de Cancerologia, próximo ao cais do porto, mais tarde transformado no Hospital de Oncologia do INPS e, hoje, integrado ao Instituto Nacional de Câncer. Eu era muito jovem e lá ia, acompanhando meu pai e Osolando Machado, então convocados para dar continuidade à obra do casal Doellinger, já idosos e cansados de longa luta.

O reconhecimento de Dollinger para com meu pai era enorme e o convívio se estreitou. Pessoalmente, nunca poderei esquecer o jogo de canetas parker com que fui brindado.

Doellinger já havia completado 25 anos de acadêmico e o regi-

mento lhe permitia passar à Membro Emérito, abrindo vaga. Este processo, ainda em voga, não assegurava, evidentemente, a eleição de um sucessor, mas facilitava para um indicado a oportunidade de escolha de datas e momentos propícios ao lançamento da candidatura e do longo e trabalhoso processo eleitoral.

Com grande surpresa meu pai recebeu o oferecimento, da parte de Doellinger, da carta de passagem à Emérito. Meio caminho para a candidatura. Após dias de reflexão, e sem nada dizer à Coutinho, meu pai, agora para espanto do velho acadêmico Doellinger, aceitava a valiosa oferta, mas para seu amigo Alberto Coutinho, 9 anos mais velho, já respeitável figura e tão desejoso de ingressar na Academia.

Assim foi feito jus, Coutinho foi empossado na Academia em 7 de novembro de 1957, sob a presidência de Raul Pitanga Santos, sendo saudado por Rolando Monteiro.

Em 1984, seis meses antes de seu falecimento, tive a elevada honra de substituí-lo, ocupando a sua cadeira e com ele vivo o presente, sentado ao lado de meu pai, também acadêmico desde de 1968.

Durante algum tempo, tive o raro privilégio de conviver com ambos, partilhando o agradável e erudito ambiente de nossa Academia.

As cem cadeiras da Academia possuem cada uma um patrono, vulto ilustre da medicina brasileira. A cadeira que ocupo, que foi de Coutinho por 27 anos, tem como patrono Firmino von Doellinger da Graça.

Jayme Brandão de Marsillac

O amigo Coutinho



“Alberto Coutinho e eu nunca fomos apresentados formalmente. Nossa amizade, velha e sólida como poucas, nasceu de um convívio quase contínuo e de nossa luta nobre e difícil, por todos os meios possíveis, contra um dos mais terríveis inimigos da sociedade: o câncer. Não só como assistente voluntário no Serviço Nacional de Câncer, mas também na Sociedade Brasileira de Cancerologia, onde atuamos. Ele, como primeiro Secretário e eu, como segundo. E ainda, na Sociedade Brasileira de Mastologia, além do consultório que dividimos por mais de vinte anos.

Mas, o que vou relatar de Dr. Coutinho, são casos de que poucos ouviram falar. Um deles poderia, de modo um tanto pitoresco, ser chamado: “Coutinho perdido em Berlim”.

Quando em 1962, ele regressava, acompanhado de Dr. Adayr Eiras de Araújo, com a esposa e a filha do casal, Tereza, do Congresso da União Internacional Contra o Câncer, em Moscou. Chegando em Paris, resolveram alugar um carro para percorrer diversas cidades da Alemanha e da Itália. Ciente do projeto do Dr. Eyras, Dr. Coutinho cogitou a possibilidade de ir junto, pois havia sido convidado para uma grande festa de aniversário, em Freiburg, de um parente seu e não sabia como chegar lá. Dr. Eyras após consultado que Freiburg era perto de Stuttgart topou e partiu com a família e Coutinho.

A primeira etapa era Colônia. A Segunda, Berlim. A Alemanha ainda estava dividida e o vergonhoso muro, presente. Eram seis horas da

tarde quando chegaram. Depois de um dia cansativo de viagem, saíram para jantar. A cidade fervilhava de alegria. Bandas de música, restaurantes e cafês, cada um mais animado que o outro. Às onze da noite, a família decidiu voltar para o hotel. Dr. Eyra estava cansado por ter dirigido um dia inteiro. Coutinho protestou. Deixar aquele ambiente transbordante de vida e alegria para se recolher ao hotel. Nunca. Combinaram, então, de se encontrar no dia seguinte, às nove e meia da manhã, à mesa do café. A família esperou até quase dez, e passou a ficar preocupada com sua demora. No quarto, ninguém respondia. O que fazer? Polícia? Embaixada? Quando ainda pensavam na solução, apareceu ele, com a fisionomia inteiramente alterada. Você não pode imaginar o que me aconteceu! Esqueci o nome do hotel e não podia voltar para casa. Já eram quatro da manhã e eu, cada vez mais confuso. Subitamente, me lembrei que, quando nos hospedamos, você havia dito: “Este hotel ainda tem a vantagem de um estacionamento privativo na frente. Dirigi-me à polícia e, com a descrição, logo o identificaram e me mandaram trazer aqui”. Depois deste ocorrido, Coutinho, pelo resto da viagem não se afastou mais do grupo.

Outros bons momentos se davam no trajeto do trabalho. Como morávamos a dois quarteirões de distância e ele não gostava de dirigir seu carro, toda manhã, nos encontrávamos em sua portaria, para partimos. Eu dirigindo seu carro, para mais um dia de trabalho. Na volta, a mesma coisa. Acabávamos passando mais de treze horas juntos. Além das conversas, especialmente sobre medicina, outros temas surgiam, como os culturais. Dos costumes, até as piadas eram lembradas. Nessas horas, ríamos muito para relaxar. Apesar de desatualizadas, algumas muito nos divertiam. Ainda lembro de algumas delas

O gago dirigiu-se ao Joaquim e perguntou: O sesesenhora popopodia me inofofoformar onde fofof., não, onde fififica a escocola para gagagos? Joaquim respondeu: Escola para gagos? Mas o senhor já gagueja tão bem, pra que vai para escola.....

O Manoel dirigiu-se a Maria, sua esposa e disse: Prepara as malas que vamos passar uns dias em Paris. Lá chegando foram passear e, no meio da multidão, se perderam. Maria, resolveu voltar para o Hotel, pois lá, certamente seria mais fácil de reencontrar o João. No entanto, ele não apare-

ceu no hotel. Dois dias se passaram e, então, toca o telefone: Maria? Sou eu, Manoel. Ela responde: Manoel, o que aconteceu? Ele retruca: Ora, o que aconteceu? Nós nos perdemos! Maria, então diz: Sim, é verdade, mas eu voltei para o hotel e cá estou a te esperar. Por não chegaste? Manoel bravo, repete: Ora, porque estava perdido. Maria: Sim, mas você não é mais criança. Afinal de contas, quem tem boca vai a Roma. Manoel, então conclui: Oh, Maria, tu pensas que estou aonde....

Bate papo entre amigos:

- Sabe porque o nosso amigo d'alem mar tem o pé esquerdo sujo?
- Não, por quê?
- Porque desde garotinho ele ouve a mãe falar: Meu filho, lava este pé direito.

João Luís Campos Soares

Segredo Não Revelado



Coutinho escreveu um livro. De forma talentosa como usual, em uma época da vida que já havia implementado a grande maioria de seus feitos, publicou o romance “Segredo não revelado”, onde retratou a vida dedicada de um profissional da medicina.

Um “certo Dr. Gonzales”, personagem principal de seu romance, era um experiente médico que resolveu deixar a cidade grande e partir para o interior, dando prosseguimento a carreira médica. Dos valores nele preponderantes, além do comprometimento com a profissão, era a integridade. Nos primeiros capítulos da história, em uma atitude ética, o médico se coloca a prova perante os integrantes da Academia de Medicina e com muito decoro é aceito.

Não importa os motivos que venham a permear a vida, de quem quer que seja. Do comprometimento com a profissão, alguns comportamentos e atitudes estão intrínsecos, principalmente o dever para construção de um mundo melhor.

Com esta filosofia se fizeram os grandes médicos. Coutinho, assim como Gonzales impuseram o amor ao próximo como um dos principais instrumentos de coesão entre os homens.

Conclusão

Quase sempre quando falamos das pessoas que nos deixaram legados, o fazemos sacralizando-as e, por conseguinte, distanciando-as de nós. Criamos, assim uma áurea perigosa de repulsão. Tornam-se inatingíveis ou, no pior dos casos, heróis. Eis o grande perigo das biografias encomendadas.

Alberto Lima de Moraes Coutinho, aprendemos ao longo de oito meses a conhecê-lo através dos olhos dos seus amigos. E vimos o quanto ele foi uma figura próxima. No cuidado dos amigos que dele privaram tempo e espaço, percebemos o humano em suas ações e opções. E, é precisamente isso, que o torna tão especial. Os problemas de saúde, de rejeição e culpa não sabemos até onde e quanto sofreu. Provavelmente muito. Driblou, seguramente, o pragmatismo que cerca as grandes figuras. Aguçado senso emotivo deixou aflorar o que de mais humano temos: a compaixão. Acredito que deve ter sido o grande motor de seus feitos que se expressava através da condolência para com seus pacientes com câncer.

Foi um homem à frente de seu tempo que com sensibilidade congregou em entidades, impulsionou estudos específicos, atuou em prevenção, propôs leis, e sempre clinicou. O contato com o paciente era seu elixir. Isto o tornava um médico completo.

Este livro não é uma biografia do modo clássico. É, contudo, um passar de vistas pelas várias faces do homem Alberto Coutinho. De maneira

leve procuramos extrair as impressões de pessoas e documentos. Meus agradecimentos à minha equipe editorial especialmente à Fernanda Cubiaco e Marcos Abreu. Aos patrocinadores desta primeira edição. Ao querido amigo Dr. Hiram Lucas fonte inestimável de gentileza e conhecimento. E, finalmente, a presidente Lair Ribeiro que sabe agregar todos em torno dos objetivos da Sociedade Brasileira de Cancerologia, e que é uma incentivadora do reconhecimento dos que tecem a teia da vida.

Rijarda Aristóteles